MARIA ARACY DE PÁDUA LOPES DA SILVA (1949-2001)

ANTONELLA TASSINARI
Universidade Federal de Santa Catarina

"Bom saber que meu *Hau* docente te acompanha!" foi a última mensagem que Aracy me escreveu, em 2001. Foi porque eu havia lhe contado que diariamente pensava nela, ao preparar minhas aulas, ao corrigir os trabalhos dos alunos, ao orientar os estudantes, ao tomar as decisões da vida acadêmica: em tudo lembrava das experiências que tive como sua aluna. Assim como eu, vários estudantes da Universidade de São Paulo (USP), introduzidos à Antropologia pelas mãos de Aracy, trazemos vivas as suas lembranças como professora que conseguia ser generosa, acolhedora, aberta e, ao mesmo tempo, rigorosa e exigente. E, atualmente, quando nos deparamos com os desafios da docência, espelhamo-nos nessa experiência, valemo-nos do *hau* que Aracy nos transmitiu!

Um traço fascinante da sua personalidade é que Aracy considerava o ensino e a pesquisa, a teoria antropológica e a etnologia indígena, como aquelas coisas boas da vida, que fazemos com gosto e entusiasmo, que revigoram a nossa existência. Ao lado do trabalho, ela cultivava outros prazeres simples, como tirar um bolo quentinho do forno, convidar os amigos para jantar, cantar com sua voz cristalina de soprano, nadar e sentir o corpo deslizar na água da piscina, sair para dançar e, principalmente, desfrutar da companhia de sua adorável família: o marido Daniel Levcovitz e as filhas Cecy e Isabela.

É por isso que Aracy deixou um legado valioso que vai além do exemplo profissional. Na verdade, exerceu a profissão com tanto entusiasmo porque acreditava que a Antropologia oferecia espaço para debater questões profundas de nossa existência e ainda bem como fornecia as ferramentas para um mundo mais justo e aberto à diversidade cultural.

MARIA ARACY DE PÁDUA LOPES DA SILVA (1949-2001)

Araka, como era chamada pelos amigos, nasceu em 1949 como a filha caçula e temporã de uma família de quatro irmãos que sempre a valorizaram pelo seu espírito inteligente e crítico.

> Sua presença significava sempre alguma novidade, alguma história curiosa, alguma observação "antropológica", com pontos de vista que, para muitos de nós, eram diferentes, novos e que nos obrigavam a repensar muitos conceitos e, principalmente, preconceitos (Vera, a irmã).

Foi por intermédio de Vera e da outra irmã, Maria Tereza, que começou o encantamento de Aracy pelos Xavantes, aos 10 anos de idade, ouvindo as histórias contadas pelas duas ao voltarem de uma viagem às aldeias do Mato Grosso.

Anos mais tarde, aluna de Lux Vidal, na graduação em Ciências Sociais da USP, prontificou-se a fazer um seminário sobre o livro recém-publicado de David Maybury-Lewis, *Akwê-Shavante Society* (sendo depois a tradutora da edição em português). Assim, desenrolou-se uma história de envolvimento profundo com os Xavantes e da forte amizade com Lux e David.

Aracy dedicou-se à pesquisa sobre esse povo desde 1972, passando longo período em campo entre 1973/1974. Tornou-se fluente na língua Xavante a ponto de entender alguns diálogos inusitados de seus anfitriões: "Então, você não vai lá dormir com ela?" – disse a esposa ao marido, preocupada em estar sendo pouco acolhedora. "Eu já perguntei, mas ela disse que não quer."

Eram tempos de duros conflitos de terra e sérios problemas de saúde que afligiam as populações indígenas de recente contato. E Araka, jovem pesquisadora, como grande parte dos etnólogos de sua geração, engajou-se em vários projetos de desenvolvimento, de saúde e de educação, enfrentando a ameaça de fazendeiros e colocando em risco a própria saúde, como na ocasião em que, avisada da necessidade de certas vacinas na área Xavante, esmerou-se em transportá-las em caixas com gelo por um longo trajeto, conseguindo chegar a tempo de conter uma epidemia, mas tendo, depois, de ser transferida às pressas para um hospital de Cuiabá, abalada por forte pneumonia.

A pesquisa de Aracy, orientada por Lux Vidal, foi na época uma exceção ao ser apresentada diretamente como doutorado, cuja tese foi defendida em 1980. A tese, *Nomes e amigos, da prática Xavante a uma reflexão sobre*

os Jê, inicia-se com uma crítica a alguns aspectos do trabalho de David Maybury-Lewis, pela sua orientação fortemente influenciada pelos modelos africanos, e com a proposta de uma abordagem alternativa, atenta para as relações construídas na prática Xavante (proposta que acompanhava o movimento da etnologia sul-americana do final dos anos 1970 em busca dos próprios paradigmas). David, admirado com a competência da argumentação de Aracy, aceita participar de sua banca de doutoramento, dedicando-lhe entusiasmados elogios.

Além de profunda conhecedora da cultura Xavante, Aracy também pesquisou os Xerente e tinha especial gosto pelo trabalho realizado com uma das últimas falantes da língua Pataxó *Hã Hã Hãe*, que resultou na elaboração de uma cartilha desse idioma.

Em 1974, Aracy iniciou sua carreira docente na USP, dividindo com a colega Sylvia Caiuby Novaes a vaga deixada por Gioconda Mussolini. Em 1977, lecionou na Universidade de Campinas (UNICAMP), onde voltou a atuar de 1998 a 2000. Também foi professora visitante em Harvard, Estados Unidos, de 1987 a 1989, e ofereceu um curso na Casa de las Américas, na Espanha, em 1993. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de 1995 a 1997, quando deu início ao ciclo de palestras "Sextas do Mês". Junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) teve importante participação como membro do Comitê Assessor de Ciências Sociais.

Desenvolveu com maestria a vocação do ensino da antropologia não se limitando ao público universitário. Motivada pela orientação sempre presente de Lux Vidal, empenhou-se como ninguém nas tarefas de "ensinar antropologia a toda a gente" e de "ensinar a ensinar Antropologia". Acredito que esses eram os ideais que motivaram a criação do MARI, Grupo de Educação Indígena da USP; a realização dos cursos de extensão universitária sobre a temática indígena voltados aos professores do ensino fundamental e médio, que coordenou de 1992 a 1996; a elaboração de suas obras sobre a questão indígena dirigidas às crianças, ao público leigo e aos professores. No MARI, também coordenou o Projeto Temático da equipe *Antropologia, História e Educação*, cujos resultados publicados em coletâneas são referências inovadoras nessa área.

Por acreditar que os conceitos antropológicos poderiam ser eficazes no combate aos preconceitos, Aracy atuou na Comissão contra a discriminação da Secretaria da Educação e na Comissão especial de luta contra todas

as formas de discriminação da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Foi presidente da Comissão Pró-Índio de São Paulo. Teve ainda participação ativa na constituição do Comitê de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação, no qual foi representante da Associação Brasileira de Antropologia.

Orientou trinta e um alunos em trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Mas sua influência como orientadora extrapola em muito esses trabalhos, tendo sido conselheira atenta de todos que passaram por sua sala de aula. São muitos os casos de ex-alunos que reconhecem nela a responsável por terem chegado à formatura, simplesmente pela sua paciência em ajudá-los a superar problemas de formação anterior, ensinando exercícios de leitura e redação.

Na etnologia brasileira, Aracy marcou o desenvolvimento de vários temas: foi pioneira nos estudos da onomástica, da educação escolar e da infância indígenas. Por suas obras inovadoras, é referência indispensável a todos os que atualmente se debruçam sobre essas questões. Também deixou importante contribuição aos temas da cosmologia, da mitologia, do ritual, da etno-história e da arte indígenas.

Pela sua intensa e entusiasmada dedicação ao trabalho, sua aposentadoria prematura, em 1997, surpreendeu a todos, assim como a opção em transferir sua residência para São Carlos, buscando desfrutar de certo isolamento com a família. Hoje percebemos a lucidez de sua decisão, embora tenhamos sentido o grande vazio de sua ausência na USP.

A partir de então, Aracy dedicou-se a uma pesquisa realizada para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre educação de adultos indígenas (cuja tradução foi publicada em 2003), e pôde retomar com muito entusiasmo alguns antigos interesses, como o grande projeto sobre onomástica *Nomes pessoais no mundo lusófono: o caso brasileiro*, que lamentavelmente não pode concluir.

Aracy deixa enormes saudades a todos que a conheceram e puderam desfrutar de suas aulas, sua orientação, sua companhia. Alivia-nos saber que seu *hau* nos acompanha, transmitindo à Antropologia seu perfil ético, rigoroso, paciente, aberto e acolhedor, manifesto num sorriso luminoso e contagiante que foi sempre a sua marca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES DA SILVA, Aracy. 1981. A filosofia e a pedagogia da educação. In: CPI-SP, *A questão da educação indígena*. São Paulo: Comissão Pró-Índio e Brasiliense. p. 15-29.

______. 1983. O caso Pataxó Hahahai: apresentação histórica. In: CPI-SP, *O índio e a cidadania*. São Paulo: Comissão Pró-Índio e Brasiliense. p. 61-66.

______. 1984a. Xavante: casa-aldeia-chão-terra-vida. In: NOVAES, S. C. (Ed.), *Habitações Indígenas*. São Paulo: NOBEL. p. 33-56.

______. 1984b. A expressão mítica da vivência histórica: tempo e espaço na construção da identidade Xavante. *Anuário Antropológico 82*. Tempo Brasileiro. p. 200-214.

______; RODRIGUES, M. Carolina Y. 1984. *Histórias de verdade*. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória e Instituto Nacional do Livro. 52p.

______; SANTOS, L.; LUZ, M. (Orgs.). 1985. *A questão da mineração em terra indígena*. São Paulo: Comissão Pró-Índio/SP. 179p.

______. 1985. A antropologia e os estudos de nomes pessoais e sistemas de nominação: resenha da produção recente. *Dedalo*, v. 23, p. 235-354.

______. 1986. *Nomes e amigos:* da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê. São Paulo: FFLCH/USP.

______; ORLANDI, E.; URBAN, G.; SANTOS, L.; LUZ, M.; RODRIGUES, M. C. Y. 1986. *Lições de baheta* – sobre a língua Pataxo Hahahai. São Paulo: Comissão Pró-Índio e FFLCH/ USP. p. 52.

______. 1987a. Nem oca, nem taba: uma coletânea de textos à disposição dos professores. In: *A questão indígena na sala de aula – subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Comissão Pró-Índio/SP e Brasiliense. p. 129-173.

______. 1987b. (Org.). *A questão indígena na sala de aula*. São Paulo: Comissão Pró-Índio/ SP e Brasiliense.

______. 1988. *Índios*. São Paulo: Ática. 40p.

______. 1989. Social practice and ontology in akwe-xavante naming and myth. *Ethnology*, 28(4): 331-341.

______. 1991. Tradições, inovações e criatividade: a análise comparativa de cosmologias vistas como processo. *Anuário Antropológico 88:* 189-207.

______; VIDAL, Lux. 1992. Antropologia estética: enfoques teóricos e contribuições metodológicas. In: VIDAL, Lux (Org.), *Grafismo indígena. Ensaios de antropologia estética*. São Paulo: NOBEL/EDUSP/FAPESP. p. 279-293.

______. 1992a. Dois séculos e meio de história Xavante. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (Org.), *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras/FAPESP/Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. p. 357-380.

______. 1992b. Pintura corporal e sociedade: os "partidos" Xerente. In: VIDAL, Lux (Org.), *Grafismo indígena. Ensaios de antropologia estética*. São Paulo: Nobel/EDUSP/FAPESP. p. 89-116.

______. 1994a. Há antropologia nos laudos antropológicos? In: HELM, Cecília Maria; SILVA, Orlando Sampaio; LUZ, Lídia. (Orgs.). *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: Editora da Universidade de Santa Catarina. p. 60-66.

______. 1994b. Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução. In: GRUPIONI, Luis Donisete. (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC. p. 75-82.

______; GRUPIONI, Luis Donisete. (Orgs.). 1995a. *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.

______;. GRUPIONI, L. D. Educação e diversidade. 1995b. In: *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.

______. 1995. Mito, história, razão e sociedade: inter-relações em universos socioculturais indígenas. In: *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. MEC/MARI/UNESCO.

______; VIDAL, Lux. 1995. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: Arte e cultura material. In: *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.

______; GRUPIONI, Luis Donisete. 1996. *Por onde começar uma pesquisa sobre índios?* Roteiro bibliográfico – Brasília: MEC/MARI.

______. 1998. Fundamentos gerais da educação escolar indígena. In: MEC/SEF. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas – Parte I*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/MEC. p. 21-25.

______. 1999. Enfants autochtones et apprentissage: la corporalité comme langage en Amerique du Sud tropicale. *International Review of Education*, v. 45, n. 3-4, p. 251-268.

______. 1999. Politics, economics and education in interethnic contexts: The Akwe-Xavante in history at the turn of the 20th Century. *Journal of Latin American Anthropology*, 5(1).

______. 1999. Educação para a tolerância e povos indígenas no Brasil. In: UNESCO. *Ciência, cientistas e a tolerância*. São Paulo: UNESCO/EDUSP.

______; FERREIRA, Mariana K. L. (Orgs.). 2001. *Antropologia, história e educação:* a questão indígena na escola. São Paulo: FAPESP/Global. 400p.

______; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera L. da S. (Orgs.). 2002. *Crianças indígenas:* ensaios antropológicos. São Paulo: FAPESP/Global.

______; FERREIRA, Mariana K. L. (Orgs.). 2002. *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: FAPESP/Global.

______. 2003. A educação de adultos e os povos indígenas no Brasil. *Em aberto*, nº 76, v. 20, Brasília: INEP/MEC. p. 89-129.